



# PASSARES DA VIDA

Contos breves

Paulo Cesar Pereira de Aquino

Edição do Autor  
2019

Copyright© 2019 Paulo Cesar Pereira de Aquino

1ª edição

capa: arquivo pessoal

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito do autor, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

900727 - Aquino, Paulo Cesar Pereira de (1956 -)

Passares da Vida, contos breves

São Paulo. SP - Brasil

Publicação: Edição do Autor - 2019 - 14x20

ISBN 978-65-900727-0-2

Literatura Brasileira. Contos Brasileiros. Brasil. Título  
CCD - B86

**Quando passares pelas águas, eu serei contigo;  
quando pelos rios, eles não te submergirão;  
quando passares pelo fogo, não te queimarás,  
nem a chama arderá em ti.**

**Isa. 43:2**

**Para os dizedores dos passares**

# Sumário

**OS PASSARES DE CADA UM  
O CHAPÉU PANAMÁ DO EQUADOR**

**O COCA**

**MANIQUEÍSMO**

**TIMBURI DO CERRO**

**O ANEL DA NOIVA**

**VIDA CORPORATIVA**

**IRACEMA**

**ANALFABETISMO FUNCIONAL**

**POLITICAMENTE CORRETO**

**PAIXONITE**

**POR UMA VIDA MELHOR**

**NATUREZA**

**LEI DO TANAKA**

**VISITA TÉCNICA**

**MUNDO PEQUENO**

**A PROFECIA**

**FELIZ NATAL**

## do autor para o leitor

Penso que todo ser humano, sempre que começa algo, imagina que o resultado obtido será o mais completo, o melhor e o mais bem-acabado que ele possa fazer. Pode parecer um pouco pretensioso, mas é assim; afinal passamos a vida toda nos preparando e desenvolvendo competências específicas para cada tarefa desempenhada.

No transcorrer da vida, muitas pessoas cruzam o nosso caminho e acabam fazendo parte de um ou outro acontecimento. Alguns são para o bem, outros nem tanto, porém a maioria é apenas algo que vem e vai, como as ondas do mar.

Com esse mesmo pensamento, já *dizia* o poeta Paulinho da Viola:

— “Foi um rio que *passou* em minha vida e meu coração se deixou levar”.

São essas experiências que chamo *passares*.

Quem me *passou* essas experiências foram os *dizedores*.

O que fiz foi reunir uma série de *passares* e colocá-los em um só lugar. O que, talvez, seja mais difícil é dizer onde ficam esses lugares e se algum dia você também já *passou* por lá. Quem sabe?

## OS PASSARES DE CADA UM

Até ontem, embora existisse uma certa novidade nos acontecimentos, estava tudo, vamos dizer, normal. As coisas estavam acontecendo de forma previsível; porém, parece que havia no ar uma sensação de que algo diferente estava para ocorrer. Ninguém sabia ao certo o que era, mas, o fato é que observando aquelas madeiras, pedras e cimento, que os homens estavam trazendo, era fácil deduzir que algo seria construído aqui. Algo bem grande, a ver pelo volume de material. Ninguém sabia exatamente onde ou o que seria construído ou se a vida das pessoas seria de um modo ou outro afetada pela obra, tanto durante a construção, quanto depois que ela estivesse pronta.

Alguém comentou que ouvira um conhecido de um primo de alguém que trabalhava para o empreendimento, dizer que seria construído um muro. O que ninguém entendia era para quê e por quê. Tudo bem que construir muros estava na moda. Eram construídos muros nas fronteiras dos países para evitar a entrada de imigrantes, mas não era o caso, pois aqui não havia nada para separar, exceto se fosse para limitar. Mas limitar o quê? O ir e vir das pessoas? De onde para onde? Para quê? As perguntas eram intermináveis e vinham das mais diversas pessoas como, por exem-

plo, do Seu Pedro, que era um dos mais antigos moradores do lugar. Marido de Dona Virtudes, que de virtuosa não tinha quase nada, exceto pelo fato de ser mãe de Virtuditas, uma flor de pessoa, literalmente um anjo nascido na terra que tinha o apelido de PDC, (que, bem entendido, queria dizer “pedacinho do céu”).

Virtuditas, em vão, tentava convencer Seu Pedro de que fosse o que fosse construído pelo empreendimento, provavelmente seria para o bem de todos, porém ela não tinha sucesso pois ele dizia, e com certa razão, que ela era muito ingênua e que ainda não conhecia a capacidade que os homens têm de complicar a vida das pessoas, principalmente das pessoas de bem.

Quem concordava inteiramente com Seu Pedro era Nico, o farmacêutico, que era muito respeitado e morava no lugar fazia muito tempo. Ele ainda gozava daquele prestígio que os farmacêuticos desfrutavam antigamente pois, literalmente, substituía os médicos em qualquer situação. Quando a situação fugia do controle, ele, pelo menos, tinha a decência de recomendar ao enfermo que procurasse um pronto socorro em outra cidade, visto que lá não havia esse luxo. Discreto por vocação, deixava os pacotes de absorventes femininos já embrulhados na prateleira. Quando uma mulher que estivesse *naqueles dias* precisasse do produto, bastava, ao entrar na farmácia,

apontar com os olhos para a prateleira que ele entendia o sinal e sem nenhuma palavra, entregava o pacote para a solicitante. Um gentleman, por definição. Agora, uma coisa que o punha nervoso, era a incerteza sobre o que seria construído e nisso ele fazia coro com Seu Pedro. O que haveria de ser?

Jacob, o taxista estava preocupado com a possível obra por duas razões. Uma era que se interditassem a rua, deixando só para trânsito local, ficaria difícil entrar e sair com seu carro. A segunda era que, como ele não tinha garagem, o carro ficava na rua, e certamente a poeira gerada pela obra sujaria seu taxi, dessa forma seus passageiros iriam reclamar e sua despesa com limpeza iria aumentar, reduzindo seus rendimentos.

Outra pessoa que se preocupava muito era o dono do bar que ficava na esquina onde estavam sendo descarregados os materiais. Ele era um português gordo com um forte sotaque do norte de Portugal que, apesar de cinquenta anos de Brasil, nunca foi perdido. Seu bar era uma verdadeira espelunca, porém sempre tinha um bom público cativo de pinguços da mais alta estirpe. Dona Virtudes, maldosamente, falava que a frequência era menos pela pinga e mais pela garçoneite que era chamada docemente de Tentação.

Tentação era potiguar e tinha vindo para cá com dezessete anos. Natural de Tibau do Sul, ninguém entendia porque ela havia trocado um fim de mundo por outro, mas todos os frequentadores do bar achavam



que tinha sido uma boa ideia, exceto Dona Virtudes. Para os íntimos, até Seu Pedro admitia que tinha achado uma boa ideia.

Além da Tentação, um destaque importante do bar era um dos frequentadores constantes que, sempre que havia alguma ocorrência, como uma batida de carros; ou um barulho forte como o descarregar de uma caçamba; ele gritava com toda a força dos seus encharcados pulmões: eeeeeahóóóóóóóó! O grito era tão alto que podia ser ouvido de longe; parecia uma espécie de sirene de emergência, igual a essas que tocam em dias de chuva avisando os moradores para abandonarem a área.

E foi exatamente o que aconteceu hoje pela manhã. Ouvimos o conhecido grito e pensamos que algo grave tivesse acontecido com o caminhão das entregas ou que alguém tivesse sido atropelado, mas não. O homem gritou quando chegou no bar e viu que todos os materiais haviam sido levados embora durante a noite. Madeiras, pedras, cimento, areia, tudo. Era como se nunca houvesse uma obra a ser tocada ali.

Imediatamente foram para a esquina Seu Pedro, Nico, Jacob encontrar o português gordo, dono do bar que já estava lá. Eles esbravejavam entre si perguntando, sem encontrar resposta, como era possível que isso tivesse ocorrido. Será que o material havia sido roubado?

Logo agora que o progresso estava chegando à cidade, tudo havia voltado à estaca zero. Nico estava pensando nos negócios que perdeu com o tratamento das possíveis enfermidades e ferimentos dos trabalhadores. O português gordo, dono do bar, indignou-se com o número de refeições que iria deixar de servir para os trabalhadores durante o dia e na quantidade de pinga à noite, principalmente às sextas-feiras. Jacob lamentava os passageiros perdidos, sejam engenheiros ou trabalhadores da obra, que deixaria de transportar no seu taxi. Seu Pedro, por seu lado, estava indignado com a perda da possibilidade de apresentar Virtuditas para algum engenheiro ou capataz da obra que possuísse condições de um honroso casamento, ideia compartilhada e muitas vezes discutida com Dona Virtudes.

Quando Virtuditas chegou da escola e percebeu o vazio do lugar, perguntou a seu pai o que havia ocorrido. Ele, sem pestanejar, respondeu:

— O que aconteceu eu não sei. O que sei é que reafirmo o que sempre te disse sobre essa obra; você, com sua ingenuidade, não avalia a capacidade que os homens têm de complicar a vida, principalmente a vida das pessoas de bem!

E assim, após esse passar, a vida de todos seguiu como se nada tivesse acontecido.

## O CHAPÉU PANAMÁ DO EQUADOR

Não faço a mínima ideia de como deva ser viver em uma região desértica. Não digo em um lugar assim como o deserto de Atacama, considerado um dos lugares mais secos do mundo, senão o mais seco, pois, segundo consta, lá não chove há 400 anos. Digo em lugares como algumas cidades do interior do Equador, onde praticamente todas as casas são, literalmente, sem telhado exceto por alguns cômodos em que se exige um pouco mais de privacidade.

Pois bem, era em uma dessas casas que vivia Miguel com sua família composta por sua mulher Solita e por duas filhas, Minalba e Yeime de cinco e três anos respectivamente.

Miguel era açougueiro e comercializava carne de porco em uma pequena banca na feirinha fixa, que ficava no centro da cidadezinha onde eles moravam. Tinha uma rotina dura pois seu produto precisava ser comercializado no mesmo dia do abate visto não haver refrigeração no local. Dessa forma, logo de manhã bem cedo ele ia, de bicicleta, ao abatedouro que ficava a cerca de vinte e cinco quilômetros de distância e comprava a carne que iria vender para a sua freguesia. Foi durante seu trabalho nessa banquinha que eu o conheci.

Durante o expediente, por precisar espantar moscas; proteger a carne dos cachorros; resguardar da

poeira que o vento trazia das ruas sem pavimentação, muito secas por causa da falta de chuva; Miguel passava mais tempo protegendo a carne que atendendo clientes. Por essa razão, no fim do turno matinal quando já estava limpando a banca para ir embora, ficou muito contente quando viu estrangeiros chegando pois poderiam ser possíveis compradores. Seu sorriso logo murchou quando percebeu que nós não vínhamos para comprar carne, mas sim pedir informações sobre se havia alguma farmácia perto dali. Sim havia e, por coincidência, o farmacêutico era primo dele. O dono da farmácia se chamava Aguinaga. O nome era em homenagem ao mais famoso jogador de futebol do Equador que começou sua carreira no Deportivo Quito e jogou pela seleção equatoriana de futebol na copa de 2002.

Como já estava no fim do seu expediente, Miguel se ofereceu para nos acompanhar até a farmácia. Esperamos que ele terminasse de fazer um pacote com carne não vendida, que seria sua refeição com a família, e um outro pacote, por coincidência, reservado para Aguinaga. Chegando lá estranhamos que na porta da farmácia existisse uma grade que fechava completamente a entrada. Na grade havia um pequeno orifício quadrado que era por onde passavam os medicamentos, que eram pagos antecipadamente. Miguel nos explicou que era por questão de segurança porque, após anoitecer o lugar ficava muito perigoso,

condizente com sua aparência pois, embora o bairro fosse considerado de “classe média” mais parecia uma comunidade de um morro carioca.

Aguinaga e Miguel tinham a mesma idade e eram muito parecidos, podendo ser confundidos como irmãos gêmeos. Da mesma forma tinham um talento em comum; eram cantores de merengue, salsa e cumbia, ritmos típicos da região. Sua dupla chamava Los Madreleños e animava festinhas de aniversário e pequenos eventos na região. A farmácia tinha o remédio que eu precisava, assim resolvi esse problema.

Ao sermos perguntados sobre a razão da nossa visita à cidade, informamos que só paramos lá para procurar o remédio, mas que estávamos indo para a cidade de Montecristi, na província de Manabi.

— Vocês vão comprar chapéus Panamá? Perguntou Miguel.

— Sim, respondi eu. Acredito que os chapéus feitos lá são os melhores do mundo, não são?

— Certamente. Respondeu Miguel. Os chapéus Montecristi são os melhores que se pode comprar e muita gente importante os usa, embora a maioria das pessoas pense que os chapéus Panamá sejam feitos no Panamá é um grande engano. Eles são feitos aqui.

— Quem sabe se, na volta, vocês não dão uma pasadinha por aqui. Na sexta teremos uma apresentação da nossa dupla e aí vocês poderiam ouvir as músicas típicas do Equador. Disse Aguinaga.

— Vamos ver. Respondi.

— Se for possível, na volta passaremos por aqui e, quem sabe, teremos a oportunidade de ouvir o verdadeiro merengue do Equador e comer um bom prato de siri, que é o prato típico do país. Certamente com um chapéu Panamá na cabeça não sofrerei tanto com esse sol inclemente, embora o calor certamente continuará fortíssimo. Claro que eu não falei para eles, mas aquele calor e aquela poeira seca pareciam muito uma filial do inferno.

Seguimos para Montecristi, compramos os chapéus e ficamos 2h30 na cidade tempo que os guias de turismo recomendam. Almoçamos um belo prato de siris e partimos para Guayaquil, que fica cerca de 190 quilômetros de distância, indo para o sul, dessa forma, não voltamos para a região, onde ficava Quito e não pudemos passar pela cidade de nossos conhecidos Miguel e Aguinaga.

Portanto, além de continuar a não fazer a mínima ideia de como deva ser viver em uma região como aquela, também não posso falar nada do talento musical do grupo de merengue Los Madreleños.

Agora, o que posso dizer com conhecimento de causa e toda a segurança é que lá faz um calor insuportável, isso faz!

## O COCA

Todo mundo o tratava como Coca. Era uma pessoa interessante, simpático, de riso fácil, baixa estatura, gordo e bem calvo. Nunca soubemos seu verdadeiro nome. Ele era um homem versátil, pois pertencendo a uma família cujas principais atividades eram o pequeno jogo do bicho e jogo de caxeta, dedicava-se mais às atividades mecânicas. Tinha uma motocicleta antiga, creio que era inglesa, que ninguém sabia como andava, ainda mais porque o motorista ingeria regularmente grande quantidade de álcool e passava boa parte do tempo em estado, vamos chamar, alcoolidado, porém nunca teve nenhum acidente, nem com a moto nem com qualquer outra coisa. Era um homem muito habilidoso.

Uma de suas habilidades era trabalhar com eletricidade. Sempre que a vizinhança precisava de ajuda nessa área, lá vinha o Coca com sua maletinha, prestar os serviços necessários. E foi isso o que passou com um vizinho, em uma determinada noite, quando um fato misterioso começou a correr.

Era um sobrado e, quando se tentava acender a luz da sala, ao pressionar o interruptor, acendia a luz da escada e a da sala ficava apagada. Quando se pressionava o interruptor da escada, acendia a luz do corredor superior. Quando se pressionava o interruptor da cozinha, acendia a luz da sala. Como já era de noite

e não era recomendado fazer serviços elétricos sem luz natural, o dono da casa teve que esperar até o dia seguinte, que por certo era um sábado, dia em que o Coca começava a beber desde cedo, mas tudo bem.

Para passar a noite o morador fez um diagrama de qual interruptor acendia o quê, assim ele sabia que se quisesse acender a luz do quarto, teria que acender à luz do banheiro, e por aí vai. As tomadas, para surpresa de todos, funcionavam bem. Nem a geladeira nem a televisão não desligavam quando se acendia alguma lâmpada. Dessa forma a noite transcorreu tranquila.

No dia seguinte, o vizinho foi chamar o Coca em sua casa. Ele não estava, mas informaram que ele poderia estar num bar próximo, que ficava na esquina. Dito e feito, ele estava lá, tomando uma cerveja, acompanhada do bom e velho Steinhaeger de todos os dias. Para quem não conhece, a história do Steinhaeger começa há aproximadamente 400 anos, nas encostas dos Alpes, em uma aldeia chamada Steinhägen, que significa aldeia de pedra. Foi nesta aldeia que uma saborosa e incolor bebida bidestilada foi extraída das bagas de Zimbro (Wacholder). Ela ficou mundialmente conhecida como Steinhaeger, uma finíssima bebida, que no Brasil é consumida com a finalidade de ampliar o efeito da cerveja, dando origem à famosa frase: “Steinhaeger com cerveja faz pirar”.



Pois bem, comunicado o problema ao Coca, entendida a gravidade da situação e esperando pacientemente que ele terminasse de beber suas cervejas com Steinhaeger, foram os dois até a casa do Coca pegar sua famosa maletinha e dirigiram-se ao sobrado.

Como a casa tinha vários cômodos, a inspeção demorou um pouco. Coca acendia uma luz em um ponto, auxiliado pelo diagrama feito pelo proprietário e checava onde a luz apagava. Após cerca de meia hora de averiguações, Coca foi até a sala da frente onde encontrou o proprietário e deu o seguinte diagnóstico:

— Tem alguma coisa errada aqui! Afirmou.

— Eu não faço a mínima ideia do que possa ser, mas vamos arrumar.

O dono da casa não sentiu muita firmeza na constatação óbvia do problema, mas a fama do Coca falava mais alto, e ele começou a desmontar os interruptores, parando só para dar um pulinho no bar e tomar uma cerveja com Steinhaeger. Idas e vindas depois, finalmente os interruptores voltaram a funcionar da forma como deveriam e o Coca disse satisfeito para o dono da casa:

— Viu só, não pode ter pressa. Algumas coisas têm que ser feitas com calma para funcionarem bem.

Pessoa ímpar o Coca.

## MANIQUEÍSMO

Viver atualmente é como montar um mosaico sem saber antecipadamente como ficará o desenho final. Todos os dias vai sendo introduzido um fato diferente e a gente tem que juntar as peças e seguir construindo a estrutura.

Alguns as fazem grandes, gigantescas, de proporções megalomaniacas. Outros a fazem tão pequenas que mal dá para se ver a olho nu, mas elas são importantes e estão lá. A princípio, quando falavam sobre isso não dava para entender bem, não conseguíamos alcançar o que motivava as pessoas a seguir com as obras sem saber exatamente ao certo aonde a coisa iria terminar. Com o passar do tempo percebemos que existe um plano maior por trás de tudo. Um plano elaborado não por uma pessoa, ou um grupo, mas por toda uma comunidade que se dedica quase que exclusivamente, senão exclusivamente, para incentivar esse projeto, essa caminhada rumo a lugares supostos.

Interessante que na verdade não existem regras estabelecidas para as pessoas que divulgam o que deve ou não deve ser feito. Existe uma ideia geral, que ninguém sabe exatamente qual é, na qual estão baseadas todas as informações, ou seja, não se entende bem o que se está fazendo, mas, segundo as orienta-

ções, esse é o jeito certo de fazer, logo deve ser importante e necessário fazer assim. Tudo que for feito de forma diferente não serve e deve ser fortemente combatido.

Talvez seja essa a base do *nós* e *eles*, sendo que nunca é muito claro quem são os *nós* e quem são os *eles*, pois depende de como você entende e concorda ou não com a mensagem. Às vezes, *nós* concordamos que *eles* estão certos, mas *eles* nunca acham que *nós* estamos certos, embora nossa certeza seja indiscutível e sobejamente comprovada.

Porque será que é tão difícil para as pessoas enxergarem isso. Algo tão cristalino que qualquer ser minimamente informado concordaria, mas não. As pessoas não concordam e brigam para impor seu ponto de vista de forma tão agressiva e intimidante que parece que, de fato, o que *nós* constatamos só podia ser constatado porque éramos *nós*, não *eles*, pois *eles* sempre têm razão.

Essa questão já dura cerca de cem anos e não sabemos mais quanto tempo durará, porém, dure o tempo que durar, devemos estar conscientes que ela não trouxe nem trará realmente nada de construtivo e que a situação com o passar do tempo tende a se deteriorar mais pois investir em um lado acaba freando o outro e faz que todo o esforço acabe sendo em vão, pois, poucas coisas agregam as pessoas e fazem que elas sejam solidárias.

Talvez por essa razão, o grandioso Otto Lara Rezende, falecido em 1992, disse, em frase ainda que já contestada por ele;

— *“O mineiro só é solidário no câncer”.*

Perfeito, embora o que melhor defina a questão é uma outra frase atribuída a ele:

— *“Para mim, é absolutamente fundamental que o espetáculo não termine aqui embaixo, na Terra”.*

## **TIMBURI DO CERRO**

Fazia um calor infernal, algo por volta de 43 graus, com uma sensação térmica de 50. A volta não poderia ser em piores condições. A poeira cor de tijolo vinha de todos os lados arrastada pelo movimento do carro em alta velocidade. Como o ar condicionado não estava funcionando, as janelas tinham que ficar abertas e dessa forma a poeira grudava na pele suada tornando a sensação de secura ainda maior. O lugar era completamente deserto e a vegetação praticamente inexistente. Aquilo era realmente o fim do mundo. Uma sensação horrível de ser vivida.

Pergunta-se: como quatro pessoas inteligentes, dois casais compostos por mãe, pai, filha e genro, saem de casa para tomar sorvete num lugar desses? Essa realmente seria uma excelente pergunta naquele momento.

Para pensar em responde-la temos que voltar quatro horas atrás, quando eles ainda estavam em casa, na cidade, logo após terem almoçado um saboroso cozido de coelho com arroz preparado por dona Zeugma, esposa do senhor Expedito, pais e sogros de Epifania e Lázaro, respectivamente. O almoço tinha sido tranquilo, mas, como a comunicação entre os quatro nunca foi das melhores, houve uma certa falta de assunto após o almoço, mais precisamente na hora da sobremesa, até porque, por uma questão de tempo para preparar o almoço, dona Zeugma não providenciara nada.

Como não tinham assunto nenhum, eles ficaram falando sobre o tempo. Sobre como o calor de 43 graus era insuportável e como seria longo aquele verão, principalmente naquela região, onde as chuvas mesmo só caem no inverno, quando caem.

Por absoluta falta de ter o que falar, seu Expedito sugeriu:

— O ideal mesmo para matar esse calor seria chupar um sorvete, daqueles que a gente chupava quando você era criança Epifania, não é mesmo?

Após essa observação que o senhor Expedito fez, logo se ouviu o pronto comentário de dona Zeugma.

— Eu adoraria, mas nessa cidade, você sabe que nós não temos sorveteria e aquele sorvete que a Epifania gosta só tem na cidade de Timburi do Cerro, que fica a 120 quilômetros daqui.

— O ar-condicionado do carro está quebrado. Lázaro observou.

— Lá vem você com suas desculpas. Basta meu pai dar uma ideia que você fica contra. Falou Epifania.

— Eu não sou do contra as ideias do seu pai, só falei que se vocês estão pensando em sair para comprar sorvete, o ar-condicionado do carro está quebrado.

— Sei que sua intenção foi essa, sim. Ainda mais que mamãe falou que adoraria chupar um sorvete com esse calor horrível, mas você nunca faz nada mesmo para agradá-la. Arrematou Epifania.

— Não é necessária discussão, meus queridos, afinal o que é chupar um sorvete? Ponderou a mãe.

— Se você quer tanto o sorvete, Zeugma, acho que nós deveríamos fazer esse sacrifício. Disse o pai.

— Ainda mais se a Epifania também concorda, completou.

— Mas papai, foi você quem sugeriu que chupássemos sorvete. Comentou Epifania.

— Eu sugeri isso somente porque que sei o quanto você e sua mãe adoram o sorvete de Timburi do Cerro, respondeu.

— Mas é muito longe e está um calor insuportável. Ponderou Lázaro.

— Você diz isso porque não são seus pais. Se fossem, tenho certeza de que você não pensaria duas vezes em fazer a vontade deles.

Alguns minutos depois, os quatro estavam no carro, indo para Timburi do Cerro em busca de sorvetes.

Na volta, o que se ouvia de comentários era; não sei onde estávamos com a cabeça para sair de casa com um calor desses e rodar 240 quilômetros para tomar sorvete; ainda pior num carro sem ar-condicionado. Por causa disso Lázaro e Epifania teriam que dirigir à noite para retornar para sua casa já que era domingo e eles teriam que trabalhar cedo no dia seguinte.

No fundo por que eles tomaram a decisão de tomar sorvete? Para agradar aos pais de Epifania? Para agradar a Epifania? Para dar a Lázaro a chance de provar que era um genro de ouro para os sogros? Para provar para Epifania que Lázaro seguia as ideias do Sr. Expedito?

Às vezes, a palavra *não*, deve ser utilizada como parte integrante do diálogo para tentar melhorar a comunicação entre as pessoas. Imaginem vocês se isso fosse feito quanto sacrifício em vão teria sido evitado.

E você, alguma vez, por alguma razão desse tipo, já precisou ir até Timburi do Cerro?

## O ANEL DA NOIVA

Dirigir carros por estradas é algo que pode trazer surpresas inesperadas e, em alguns lugares é realmente perigoso. São vários acidentes e incidentes que sabemos terem ocorrido nessas circunstâncias: chuva; noite; defeitos mecânicos e cansaço, sendo que esse último é um dos piores para o condutor.

E foi o que aconteceu com Bragantino, durante seu trabalho de vendedor praticista pelo interior do Brasil. Era fim de tarde e ele, já tendo visitado todos os seus clientes na região, ficou com aquela dúvida muito comum nesse tipo de situação; dormir na cidade e sair bem cedo no dia seguinte ou viajar à noite e, no dia seguinte pela manhã, já estar no destino. Como era quinta-feira, ele pensou que seria melhor viajar durante a noite e aproveitar melhor a sexta-feira, já que esse dia costuma ser mais curto para os que trabalham em vendas, pois é necessário enviar os pedidos para a matriz e os compradores por razões operacionais, geralmente, também não atendem até o fim do expediente.

E foi assim que ele fez. Abasteceu o carro e partiu para a cidade mais próxima, que ficava a trezentos quilômetros de distância. Os primeiros cinquenta quilômetros haviam sido recentemente asfaltados pela prefeitura e estavam em boas condições, os seguintes, porém não estavam bem e iam piorando quanto mais



ele se distanciava do seu ponto de partida até que a estrada de terra acabou virando como que um caminho, no meio do mato. Ele estava indo bem, até que começou a chover aquela garoinha fina, tipo chove não molha e que nos obriga a deixar o limpador do para-brisa naquele movimento chato de liga/desliga, aliás, limpador de para-brisa é um verdadeiro sonífero, principalmente à noite, em lugares mal iluminados.

Os faróis não iluminavam muito bem, porém dava para enxergar com segurança e, graças a isso que ele viu que, atravessando a pista, cerca de cem metros à frente havia uma árvore caída na estrada. Ele diminuiu bem a velocidade e parou uma boa distância antes, mas ficou intrigado com uma coisa: na véspera ou no dia, que ele soubesse, não havia chovido nem ventado com força para derrubar uma árvore; ora, porque será que esta árvore estaria caída assim no meio da estrada? De repente, sua pior suspeita; seria uma emboscada? Por certo deveriam ser ladrões que, na hora que ele descesse do carro iriam assalta-lo, e o pior é que nesse escuro, fora do carro não dava para ver nem da onde eles viriam. Bragantino começou a suar frio e tomou uma decisão; pegou no porta luvas do carro o seu revólver, reservado para essas ocasiões. Carregou as balas, tomou coragem e saiu do carro gritando:

— Seus desgraçados, vocês não vão me pegar! Ato contínuo, atirou duas vezes para o alto.

— Quem aparecer leva chumbo, gritou, ele atirando mais uma vez.

Dessa forma, foi até o tronco da árvore, que, de fato não era muito pesado, olhando nervosamente para todos os lados. Deu mais um tiro e começou a arrastar o tronco para a margem da estrada, que logo ficou liberada. Feito isso correu para o carro e, antes de entrar, disparou suas duas últimas balas. Ligou o carro e saiu acelerando tudo o que podia. Cinquenta metros adiante, caiu num pequeno riacho, cuja pinguela havia sido levada pela água da chuva da semana passada e, por esse motivo, os moradores do local atravessaram um tronco na pista exatamente para evitar acidentes como aquele.

Com o carro atolado no riacho, ele não conseguia sair e teve que se resignar a ficar esperando alguém que pudesse socorrê-lo.

Três horas depois, por coincidência, veio pela estrada um daqueles jipões que conseguem atravessar riachos e parou para ver se ele precisava de ajuda. O motorista, um rapaz mais jovem, disse que isso acontecia muito por ali, mas que não haveria problema, visto que setenta quilômetros à frente havia um posto de gasolina e da lá ele poderia chamar um guincho para retirar o carro do atoleiro. Já era quase de madrugada.

Bragantino subiu no carro e os dois foram em direção ao posto. A chuva apertou e assim a velocidade diminuiu visto que não se enxergava bem e a estrada tinha muitas curvas e buracos e, foi numa dessas curvas que algo muito estranho aconteceu; no meio da mata eles viram a silhueta de uma mulher vestida de branco, toda encharcada, que estava acenando para eles. Pensando que ela poderia ter sido vítima de um acidente, eles pararam ao seu lado e, ato contínuo, ela chegou perto da janela e eles puderam ver que era uma mulher bem jovem. Eles abriram a porta traseira do jipe e ela, toda molhada, agradecendo antecipadamente a ajuda, entrou no carro. Questionada sobre o que havia ocorrido, ela disse que seu carro havia tido um problema alguns quilômetros atrás e ela saiu para procurar ajuda, até que começou a chover forte e ela parou naquele ponto para esperar socorro.

Eles não entenderam muito bem a estória, pois viajavam em baixa velocidade o tempo todo e não viram nenhum carro acidentado, mas, como ela não parava de elogiar o dono do carro pela ajuda e ficava o tempo todo dizendo que ficaria eternamente agradecida, visto que, numa noite que já estava ficando fria, com aquela chuva forte, seria muito difícil passar alguém e ajuda-la. Dizia também que, como nem todas as pessoas prestam socorro, ela não sabia como recompensá-lo. Dessa forma, inesperadamente, ela tirou um

anel de ouro do dedo e ofereceu para o jovem motorista, dizendo:

— Tome, fique com este anel como agradecimento pela sua bondade.

O rapaz falou que não era necessário, e que ele também havia parado para ajudar Bragantino. Isso era uma coisa normal naquela região. Ainda assim a mulher insistiu:

— Aceite, por favor, é o mínimo que eu posso lhe oferecer por me levar até o próximo posto, onde poderei pedir ajuda.

Não tendo outra opção, o rapaz pegou o anel daquela mão molhada e colocou no seu dedo, ainda assim dizendo que não achava correto esse gesto, mas enfim...

Depois de mais algum tempo os três chegaram ao posto. Bragantino, que precisava ir ao banheiro, saiu antes e foi diretamente para o sanitário. O motorista ficou conversando com o atendente do posto até que Bragantino voltou e perguntou pela moça. O rapaz disse que ela deveria ainda estar no carro. Eles foram olhar e ela não estava mais lá. Estranhamente o banco do carro estava totalmente seco. Intrigados, eles foram perguntar para o atendente do posto se ele sabia onde a moça estava. Ele respondeu que não havia visto moça nenhuma. Nessa hora, o motorista contou em breves palavras para o atendente o que havia se passado, inclusive sobre o fato de que ela havia lhe

dado um anel que; não estava mais no seu dedo! Cena de terror. Será o impossível?

O frentista lembrou que, alguns anos atrás, uma moça vestida de branco, num dia de chuva como aquele, havia sofrido um acidente fatal há alguns quilômetros de lá quando estava indo para a sua cerimônia de casamento e que, na hora da sua morte por não ter recebido socorro, ela amaldiçoou aquele local. Era só isso que ele sabia.

Aterrorizados, tremendo de frio e de medo, os dois se olharam e resolveram ir até a lanchonete do bar, para tomar algo quente. Chegando lá, Bragantino lembrou que não havia comido nada desde a véspera, e resolveu pedir um Bauru. Da mesma forma o rapaz resolveu pedir uma empadinha. Ambos pediram café. Quando os pratos chegaram, ainda não refeitos do susto, começaram a comer. Na primeira mordida na sua empada, o jovem sentiu algo muito duro no recheio e exclamou:

— Ai, meu Deus!

— O que aconteceu? Perguntou Bragantino assustado.

— Mordi algo duro. Respondeu o rapaz.

Com expressão de terror nos olhos arregalados, Bragantino perguntou:

— É o anel?

— Não. Respondeu o rapaz. É um carroço de azeitona.

— Que droga, quebrei um dente.

## **VIDA CORPORATIVA**

Já haviam se passado dois dias e até agora nada. Todo mundo esperando uma decisão e não vinha nenhuma. As pessoas estavam ficando ansiosas pela falta de informação, sem saber nada do que está passando. É mais ou menos como se sente o cachorro que cai do caminhão no dia da mudança. Fica perdido para sempre.

O clima reinante era o mesmo de como ficavam as plateias do Tim Maia na hora dos seus shows. Nunca se sabia se ele iria comparecer ou não. A sua ida era uma verdadeira loteria, agora, quando ele comparecia, sai de baixo. Que shows! Mas isso é outro assunto.

— Vai ter ou não vai ter evento? Era a pergunta que mais me faziam.

— Sei tanto quanto vocês! Respondia, no íntimo achando que sim; que iria ter o evento e ele seria um sucesso como haviam sido todos os outros, afinal tudo havia sido minuciosamente planejado. Desde os peixes até os degraus da escada de vidro temperado de 30mm que serviriam de topo para o aquário. Como não dar certo? A única possibilidade era cancelarem tudo, porém essa hipótese também não era provável pois muitas das várias despesas já haviam sido pagas

antecipadamente, principalmente para fornecedores de objetos feitos sob medida ou personalizados, mas, vindo daquela gente, o que era normal para o resto do mundo não era exatamente o normal para eles.

Pensando bem lembro que uma vez, logo que iniciamos nossos projetos, foi aprovado um plano de incentivo para a equipe de vendedores no qual os ganhadores, fossem quantos fossem, teriam direito a uma viagem aos parques da Disney, em Orlando. No início foi tudo uma maravilha, porém, conforme o projeto foi se desenrolando, o presidente da empresa, que havia aprovado o projeto meses antes, achou que seria um absurdo abrir mão do trabalho dos vendedores, independente do excelente resultado que eles apresentassem, para que fossem viajar. Dessa forma ele foi mudando as regras do programa até que, no fim, ficou impossível para qualquer um ganhar e o resultado foi um tremendo fiasco, trazendo uma enorme falta de confiança em tudo o que fosse proposto para eles.

Mas, dessa vez, seria diferente pois a bala estava na agulha. Havia sido dezenas de apresentações, todas as mudanças solicitadas haviam sido feitas, a verba estava dentro do orçamento, os prazos estavam dentro do previsto, ou seja, não havia motivo para preocupação com relação à aprovação final. Só que não.

No terceiro dia veio a notícia que caiu como uma bomba entre os organizadores. O evento havia sido cancelado porque algo não estava de acordo com alguma coisa e por isso não havia sido aprovado. Simples assim.

Isso me fez lembrar um vídeo que circulou durante algum tempo no WhatsApp e que talvez circule até hoje.

No vídeo aparecem dois homens de aparência respeitável, típica de moradores das cidades do interior e que transmitem muita confiança. Um deles, mais velho, está na parte da frente e outro, um pouco mais novo está ao lado, posicionado mais atrás. O vídeo começa com o homem mais velho falando:

— Oi pessoal, hoje é sexta-feira e eu tenho uma coisa muito importante para falar para vocês.

— Miro, hoje é quinta-feira! Adverte o mais jovem no ouvido do primeiro.

— Ah é. Então tá bom, eu falo amanhã.

São coisas da vida corporativa.

## **IRACEMA**

Era uma vez uma família comum, de classe média baixa, composta por pai, mãe e dois filhos; sendo um rapaz e uma moça. O pai mantinha um pequeno comércio informal, embora estivesse aposentado. Sua



aposentadoria precoce ocorreu quando ele foi diagnosticado como portador da síndrome de Wolff-Parkinson-White que é causa de taquicardias, cujos episódios podem durar apenas alguns segundos ou persistir por várias horas. Para a maioria das pessoas, a frequência cardíaca extremamente acelerada é desconfortável e muito angustiante tanto que algumas pessoas desmaiam quando tem essas crises. As ocorrências se apresentam, caracteristicamente, como um episódio de palpitações de início súbito, geralmente durante atividades físicas.

A mãe era uma típica dona de casa. Estava muito acima do peso, por essa razão seus movimentos eram mais lentos que o comum das pessoas. Sua vida era inteiramente dedicada à família, não tendo outra preocupação senão cuidar do marido, dos filhos e da casa. Como o casal tivera os filhos em idade mais avançada, sua preocupação ainda era grande, pois tanto o rapaz que tinha vinte e dois anos quanto a moça com dezessete, não trabalhavam e ainda dependiam completamente deles. Todos moravam, numa casa simples, com jardim, na ladeira que desembocava na praça central.

O rapaz era um bonito jovem, muito forte, que dedicava boa parte do seu tempo a praticar musculação para ficar com seu corpo bem definido, visto que desejava seguir a carreira de modelo. Requisitos para desempenhar a função ele tinha de sobra, tanto que já havia sido eleito “o homem mais bonito do país” em um concurso promovido por uma estação de televisão. A única coisa que, verdadeiramente, impedia sua

carreira de deslanchar, além da sua enorme vaidade, era o seu temperamento colérico que, por várias vezes, o levava a tomar atitudes agressivas e se envolver em brigas e confusões das quais, geralmente, se arrependia depois quando já era tarde. No mais era um rapaz comum, como seus pares no bairro.

A moça, estudante, era muito bonita e simpática, sendo constantemente cortejada pelos rapazes do bairro, principalmente os mais corajosos que se dispunham driblar os cuidados da sua mãe e do seu irmão, que, além de tudo, era também muito ciumento. Ela possuía aquele vigor que a juventude oferece e gostava de frequentar festas e bailes constantemente. Estava no começo de um namoro com um rapaz, amigo do seu irmão, que também era da região.

Naquela época era comum que os casais ficassem conversando no portão de entrada da casa, principalmente nos dias de semana, quando não haviam festas nem bailes para ir. Era o que acontecia naquela quente e tranquila noite de quinta-feira. O casal conversava no portão do jardim e os outros membros da família estavam na sala, assistindo televisão.

Tudo transcorria normalmente até que, um homem muito magro, pobremente vestido e visivelmente alcoolizado, passou pelo casal carregando uma mala velha, mais parecendo feita de papelão. Seu passo trôpego chamou a atenção do casal a ponto de o rapaz, desnecessariamente, falar algumas palavras ofensivas para o homem, relativas ao mal cheiro que ele exalava.

O homem já estava uns três passos à frente do casal quando se deu conta de que a ofensa do jovem era para ele e resolveu voltar para tirar satisfações, dizendo:

— Você está falando comigo, seu moleque?

Arrogantemente o rapaz respondeu:

— Estou falando com você sim, seu porco imundo. Você está fedendo. Sai logo daqui. Respondeu o jovem aumentando o tom da voz.

— Eu vou te mostrar quem é que está fedendo, playboy! Gritou o homem, sacando um revólver calibre 38, e apontando para o casal.

Nesse momento, o rapaz saiu da frente dele, ficando meio de lado e a moça, ameaçada, começou a gritar. O barulho atraiu a atenção da família que estava na sala. Ato contínuo, a porta se abriu e o pai da moça gritou:

— O que está acontecendo aí? Já saindo da sala e caminhando para o jardim.

O homem, ao perceber a aproximação do pai, disparou dois tiros que o atingiram no peito, fazendo com que ele, aos gritos e sangrando, caísse no chão. Atraída pelos gritos do marido e pelo barulho dos tiros, a mãe saiu logo atrás, sendo alvejada com um tiro e também caindo ao lado do marido. O irmão, que saiu por último, também foi alvejado com uma bala, pelo homem que, sem saber mais o que fazer, fugiu ladeira abaixo em desabalada corrida.

Vendo a cena dos pais caídos no jardim, e ferido no braço, perto do ombro, o irmão que era muito

forte, saiu correndo atrás do agressor, que foi alcançado e derrubado no meio do quarteirão. O seu ódio era tanto que ele começou a esmurra-lo, somente parando quando o rosto do homem já era uma massa de carne ensanguentada, totalmente disforme e sem vida.

Voltando desesperado para sua casa, constatou que os tiros haviam atingido o coração do seu pai que morreu quase que instantaneamente. Sua mãe estava desmaiada no chão atingida no abdômen. A ambulância e a polícia chegaram minutos depois, levando todos para o hospital, aonde a mãe foi operada. Ela perdeu um rim e teve parte do seu intestino reconstruído. A bala que atingira o braço do rapaz estava alojada em um local de difícil acesso e seria mais danoso tira-la que deixá-la onde estava. Dessa forma ele perdeu um pouco o movimento do braço, mas não teve outras sequelas, exceto pelo fato de que, visto que ele já havia se envolvido em incidentes com a polícia em outros casos de violência, acabou respondendo um longo processo por homicídio culposo, que é aquele no qual não existia a intenção de matar; foi detido, mas não chegou a ser preso. Sua detenção, o processo e a redução dos movimentos, atrapalharam de tal forma sua pretensão de ser modelo que ele acabou desistindo definitivamente da carreira e optou por trabalhar como personal trainer.

Sua irmã, que ficou tremendamente traumatizada com o ocorrido, não conseguiu mais se recuperar, mesmo após um longo tratamento psicológico; parou de estudar e passou a viver fechada dentro de si

mesma. Cuidou da mãe até que que, graças a ausência de um rim e da infecção adquirida pela bala que atravessou o intestino, morreu seis meses depois do ocorrido.

Quanto ao rapaz debochado, que se comportou covardemente e que, no fim das contas foi a origem de tudo isso acontecer, afastou-se de todos e nunca mais voltou a aparecer na casa deles.

Posteriormente foi divulgado que o assassino, que vivia numa comunidade perto de onde aconteceram os fatos, estava voltando para sua casa, saído da maternidade onde havia passado a noite e deixado sua mulher com sua filha recém-nascida. Ele passara no bar para comer algo, mas ao invés disso, resolveu “bebemorar” o nascimento, tendo bebido muito, sem comer nada. Era um cidadão comum que, casualmente naquele dia, portava uma arma pelo fato de trabalhar como vigilante de uma empresa e ter saído apressadamente do trabalho para levar sua mulher para a maternidade onde, acordado, passou a noite com ela, que teve um sofrido e demorado trabalho de parto. Estava há dois dias sem dormir em função do nascimento do seu sexto filho, uma linda menina de nome Iracema.

## ANALFABETISMO FUNCIONAL

No passado, uma grande vantagem que o professor tinha era que, mesmo que não estivesse bem preparado, seus alunos não sabiam disso e, na pior das hipóteses, ele sempre saberia algo mais que eles para salvar a aula, dessa forma a contestação ficava dificultada. Mas, obviamente, essa não era a regra.

Em tempos de internet, parece que as coisas mudaram muito pois, no momento que o professor faz uma citação ou expõe o pensamento de algum autor, imediatamente é feita uma consulta on line e acaba dando a impressão que o aluno está muito mais bem informado que ele.

Se essa afirmativa é verdade, por que os jovens hoje não são muito mais bem preparados que os da geração anterior e os da geração antes dela? Qual é o detalhe que escapa à nossa compreensão que explica porque hoje temos infinitamente mais informação do que tínhamos a quarenta anos atrás, a carga horária das escolas é maior, o Google é um verdadeiro oráculo e os jovens saem da universidade como verdadeiros analfabetos funcionais, sem saber a diferença entre par e ímpar ou sem saber como apresentar um primo para o outro em um evento social.

Porque qualquer texto com mais de 160 caracteres já é considerado um livro, isso sem falar nas abre-

viações que criaram um verdadeiro dialeto, que impede os jovens de escrever corretamente quando necessitam fazer um texto mais formal ou uma redação em algum concurso de admissão.

É muito triste ver tanto talento desperdiçado pois, dentro dessas cabecinhas ignorantes muitas vezes residem cérebros privilegiados, literalmente brilhantes que, se fossem desenvolvidos corretamente, poderiam contribuir em muito com a melhoria de vida do nosso povo e com nossa condição econômica.

É mais triste ainda quando constatamos que existem milhões de pessoas desempregadas e milhares de empregos disponíveis com vagas que não são preenchidas por absoluta falta de capacitação técnica para o seu desempenho. Quando e onde foi que desviamos do curso sadio e enveredamos por essa seara tão perversa, levando nossos jovens para esse beco sem saída?

Deve existir, em algum lugar desse país uma alma boa que faça um planejamento sadio para nossa juventude para que, talvez nos próximos quarenta anos, tenhamos feito igual fizeram o Japão e a Coréia do Sul que treinaram os seus jovens para serem vencedores em suas áreas de atuação, contribuindo para a melhoria de vida de todos os habitantes do país e diminuindo essa cratera social que existe. Então poderemos ter um padrão de vida tão bom quanto os da Suíça, da Dinamarca ou da Noruega.

Para tanto é preciso começar a fazer algo já. Cada dia que passa é um dia a mais de atraso. Não podemos deixar esse trem passar e ficar olhando como fizemos no passado. Vamos viajar. Juntos!

## **POLITICAMENTE CORRETO**

Naquela cidade ele era considerado um homem durão. Não havia uma pessoa que não confirmasse isso. Era do tipo que não levava desaforo para casa e, para ele, desaforo era uma gama infinita de possibilidades. Por exemplo esbarrar nele na calçada era um desaforo. Pegar uma vaga de estacionamento antes dele era algo impensável. Se ele estivesse acompanhado de uma mulher atraente, era questão de tempo a confusão acontecer. O simples fato de olhar para ele já era considerado um forte desaforo que normalmente recebia o seguinte tratamento:

— O que é que você está olhando? Gostou? Quer uma foto?

E a partir daí tudo era possível, até porque pessoas como ele existiam aos montes na cidade que, aliás, era famosa por seus homens durões. Lá não existiam minorias dominantes. O que menos imperava era o politicamente correto. Podia-se dizer que era uma rotina de tempos quase normais.



Hoje não, se por um descuido alguém escorregar e pisar em uma barata e esse fato vier a matá-la, a pessoa estará certamente encrocada pois as associações protetoras dos insetos indefesos irão atrás dela com todas as suas forças para que seja reparado o dano ao equilíbrio da natureza.

Hoje é muito comum que existam presidentes municipais e estaduais de associações classistas que reúnem centenas de ONG's que são associadas a confederações municipais, estaduais e até federais que se reúnem periodicamente para definir quais são os melhores procedimentos para tratamento de questões imperiosas para a manutenção da democracia, porque tudo hoje é uma ameaça à democracia e qualquer ameaça deve ser combatida impiedosamente. Piedade só para quem faz parte das entidades de proteção. Fora delas o que existe é só o império da lei, esse sim, implacável com os incorretos.

Naquela cidade, era comum vermos cavalheiros abrindo a porta dos carros na porta de bailes e restaurantes para que mulheres elegantes saíssem delicadamente dos veículos. Era comum também, sem ofensa para ninguém, que quem tivesse feito o convite para o jantar, geralmente o homem, pagasse a conta. Os homens e as mulheres poderiam fazer elogios sinceros a seu par, sem que isso fosse visto como forma de assédio, ou caso o elogio fosse muito sincero, uma forma

de estupro. Após uma festa com muita interação e alegria, quando o par voltava para casa, roubar um beijo era considerado uma prova de carinho e demonstração de boas intenções. Hoje isso é visto como estupro também.

Toda essa evolução nos costumes nos obriga a aceitar que, para sermos politicamente corretos, tenhamos que entender quando uma moça, no auge da sua juventude, demonstra publicamente em uma manifestação política, que, uma vez que, segundo ela, a democracia está ameaçada, a melhor forma de protestar é defecar e urinar na via pública, em plena luz do dia, em cima da fotografia de um político cujos ideais políticos ela não concorda.

Em que momento o trem passou e eu não vi?

## **PAIXONITE**

Ela estava vivendo mais ou menos como se fosse um conto de fadas. A paixão juvenil tem essas características arrebatadoras que fazem o coração bater mais forte a cada instante.

Todos os dias ela via o seu amado, de longe, não tendo coragem de chegar mais perto e revelar sua paixão. Quantos anos teria ela? Quinze, dezesseis, talvez menos. Era muito nova, mas seu coração já não lhe pertencia. Seus pais não entendiam a súbita felicidade

dela ao acordar sorrindo todos os dias, embora tivesse que ir para a escola, fato que normalmente tiraria o bom humor de qualquer um.

Ele, também adolescente, por sua vez, não fazia a mínima ideia de quanto era importante para o equilíbrio do universo. Levava uma vida normal, ignorando a aura de felicidade que rondava à sua volta e como a sua simples existência influenciava a vida daquela menina. Bastava sua presença para encher os olhos e o coração dela com uma esperança de que um dia, quem sabe, ela poderia se aproximar dele, pegar sua mão, olhar nos seus olhos e dizer como era profundo o sentimento que ela nutria por ele. Algo assim para o resto da vida. Ele dificilmente passava na porta dela pois não era seu caminho regular. Normalmente ia para o outro lado, onde estavam todos os seus interesses. Ela por sua vez, também não tinha nada para fazer nos lados da casa dele, exceto quando sua mãe pedia que fosse até a farmácia, coisa que não era muito comum.

Dessa forma o amor não progredia, mas de onde vinha essa chama tão ardente que cada dia, mais e mais consumia o coração dessa menina? Difícil dizer, pois, essas coisas simplesmente acontecem, não são previsíveis como as chuvas de verão.

E tudo transcorria de modo a se prever que a felicidade completa nunca sorriria para ela, até que um dia, quis o destino, que ela conhecesse uma moça, que

por acaso, conhecia também o rapaz. Era a primeira coisa em comum que eles tinham e parecia um começo promissor. Melhor que isso, a moça sabia o número do telefone do rapaz e, quando a menina pediu para que ela falasse o número, a conhecida em comum, com sua aguçada sensibilidade feminina, logo percebeu o que estava ocorrendo. Que lindo momento quando a menina abriu seu coração sobre essa paixão que estava corroendo a sua alma, com uma força avassaladora.

De posse do tão precioso número e, sabendo que ele estava em casa, ela foi até o telefone público que ficava na esquina e ligou para a casa dele, porém, ao ouvir sua doce voz, a emoção foi tanta que ela não teve coragem de falar e desligou. Seu coração batia tão forte que parecia que ia saltar do peito. Talvez tenha sido o momento mais emocionante da sua vida até aquele dia.

Três dias depois, a coragem retornou e ela voltou ao telefone público que, diga-se de passagem, para alcançá-lo, tinha que cruzar a porta da casa do rapaz.

Coração batendo forte, discou número após número até que, quando ouviu um som do outro lado linha disse:

— Alô. Quem está falando?

Ao reconhecer a voz e o nome do amado, ela só conseguiu pronunciar que quem havia dado o número

do telefone tinha sido uma amiga em comum e que estava ligando porque já fazia muito tempo que ela gostaria de falar com ele, mas tinha medo que ele não atendesse.

— Por que eu faria isso? Disse o rapaz.

— Quem está falando? Nós nos conhecemos? Perguntou ele, curioso.

— Não. Nós não nos conhecemos. Ela respondeu.

— Está um barulhão de carros passando. De onde você está falando?

— Do orelhão da esquina. Ela disse.

O rapaz, cuja casa ficava no meio do quarteirão, olhou pela janela e viu a moça no orelhão, reconhecendo-a.

— Ah, eu sei quem você é. Você é aquela menina que mora na próxima rua, não é? Por que você não vem aqui e a gente conversa pessoalmente? Disse o rapaz que tinha alma mundana e já estava acostumado a esse tipo de relacionamento.

A menina, morta de vergonha de ter sido reconhecida, desligou o telefone e saiu correndo pela rua acima, para dar a volta no quarteirão e não ter que passar em frente à residência do rapaz ao voltar para sua própria casa.

No dia seguinte, sabendo que o rapaz não estaria em casa, deixou um bilhete com o nome dele, na mureta da varandinha da casa. Quando chegou, o rapaz

reparando no bilhete, abriu o papel e viu que estavam escritas as seguintes palavras:

“Todos os dias, pela manhã, antes que a luz do sol ilumine meus olhos, a tua imagem invade o meu coração”

O rapaz ficou impressionado pois nunca havia recebido um bilhete com palavras assim. Deduziu que só poderia ter sido deixado pela mesma menina que ligara na véspera, mas, como não sabia exatamente onde ela morava, nem se tinha telefone, não poderia responder. Ele não sabia sequer seu nome.

Passados alguns dias, ele recebeu um novo bilhete com a seguinte mensagem:

“Querido. A tua boca é tão bonita. Tão bonita e tão singela. Não sei como cabeu tanto beijo dentro dela”

Dessa vez ele não ficou tão admirado. Somente não entendeu de onde ela tinha tirado a palavra “cabeu”, mas tudo bem, não vinha ao caso.

Agora, não sabemos se; por ter percebido seu erro no bilhete tarde demais e ter ficado com vergonha; ou por outra razão desconhecida; a menina não procurou mais o rapaz e assim, sem ter de fato começado, se encerrou esse grande caso de amor.

Será que nos dias de hoje, com todo o analfabetismo funcional e as redes sociais, um caso de amor como esse não teria sobrevivido? Quem sabe?

## PRIORIDADES

— Para que servirá essa estrutura tão grande? Foi a primeira pergunta que fizemos logo ao chegarmos naquele lugar que poderia ser descrito como no meio do nada. Se havia alguma coisa além não se sabe, mas certamente até aquele ponto onde estávamos, não havia nada, exceto aquela obra enorme.

Enorme não, gigantesca. Ela devia ter algo como trezentos metros de altura, com uma base trapezoidal de pelo menos cem metros no seu lado menor. Se fosse uma pirâmide, ainda vá lá, poderia ser uma atração turística, mas aquilo era uma aberração. Sua forma não era muito bem definida, atestando que a construção havia sido iniciada sem muito planejamento ou sem um desenho bem detalhado. Era mais ou menos como esses prédios construídos por milícias nos morros cariocas. A sustentação não importa muito desde que fique bonitinho e o custo não seja alto.

Bonitinha essa construção não era nem um pouco e o custo, por falar nele, era outro problema. Aquela torre, creio que podemos chama-la de estúpido, já havia consumido milhões na sua construção e não havia um prazo definido para terminá-la e muito menos qual seria a sua utilidade uma vez pronta.

Alguns diziam que seria uma escola. Difícil acreditar, pois, num raio de cinquenta quilômetros não

existiam pessoas em idade escolar e outra, se fosse para ser uma escola, para que construir um prédio com sessenta andares onde seriam necessários muitos elevadores. Era melhor construir um prédio de três ou quatro andares com escadas e rampas. Não, certamente aquilo não seria uma escola. Também ouvimos dizer que poderia ser um hospital. Da mesma forma, para atender a quem, se não havia moradores nem cidades próximas. Mesmo sem pensar nos usuários; quem iria trabalhar num lugar como aquele? Sem infraestrutura de transporte, nem de habitação. Exceto se o prédio fosse misto. Por exemplo, os primeiros trinta andares seriam do hospital e os outros trinta andares seriam residenciais para os funcionários. Ainda assim seria um estorvo pois as pessoas ficariam literalmente confinadas no edifício, tanto os enfermos quanto os servidores. Não, certamente aquilo também não seria um hospital.

Após muito questionamento da nossa parte, por fim, acabaram dando uma razão mais convincente.

Faltava pouco mais de um ano para a eleição do novo governador do estado. O atual já havia sido reeleito, portanto não poderia ser candidato de novo. O sucessor já estava preparado, baseado no sucesso que foi o seu governo, com muitas obras inauguradas, todas elas imprescindíveis para a coletividade. O enrosco é que havia um projeto antigo para a construção



de uma rodovia que ligaria a capital com esse empreendimento, cujo projeto só não saiu do papel porque os ambientalistas da oposição queriam que, ao invés de construir uma rodovia fosse feita uma ferrovia, meio de transporte mais econômico e ecológico. Por sua vez, essa estrada de ferro não foi aprovada graças ao lobby da indústria automobilística que havia solicitado ao governador uma isenção de impostos, que já havia sido concedida, para que eles pudessem vender mais carros para a população do estado e com a construção de ferrovias o projeto, que chamava “meu carro, meu transporte” ficaria muito prejudicado.

Como a discussão sobre qual seria o melhor meio de transporte da capital para o empreendimento acabou consumindo todo o tempo dos deputados e vereadores, e também do próprio governador, a obra não ficaria pronta para ser inaugurada neste mandato, mas certamente, com o novo governador eleito, os créditos da construção iriam para o governo anterior, ficaria tudo certo e as coisas estariam todas dentro dos conformes. Ainda bem.

Com relação à utilidade da obra, essa questão, por ser menos importante, ficaria para uma outra ocasião pois, o que realmente importava é que ela estava gerando cerca de mil e quinhentos empregos entre diretos e indiretos e como estava sendo feita por uma par-

ceria público privada a gestão era mais do que transparente e os futuros benefícios, inegáveis, seriam o legado de um governo eficaz e competente.

Então tá!

## **POR UMA VIDA MELHOR**

Ele andava sempre de forma muito irregular, mesmo quando estava em pisos muitos bem alinhados e lisos. Parecia que estava andando em uma velha rua de paralelepípedos, todos desajustados, um mais alto que o outro. Não sabemos se era porque ele tinha uma perna mais curta que a outra, coisa que não parecia, ou tinha algum problema no pé que o obrigava a caminhar com uma pisada irregular. Uma vez falaram que, quando as pessoas são jovens e têm o costume de andar muito rápido, ao envelhecer, se tentam caminhar no mesmo passo, o corpo, por causa do alinhamento da coluna estranha o exercício e a caminhada fica com essa aparência. Se elas andassem mais devagar esse efeito sumiria ou praticamente não seria sentido. Pode ser, mas no fundo essa característica dele realmente não tinha verdadeira importância. A única oportunidade que vimos a utilização prática desse argumento, foi quando ouvimos um homem, conhecido por sua habilidade em fazer bons negócios,

que, quando perguntado sobre a razão do seu sucesso disse:

— “Tenho sucesso nos negócios porque que eu, de bobo, só tenho a cara e o jeito de andar”.

Nesse caso, nosso homem estava com os dois problemas pois sua cara também não era lá essas coisas, embora tanto isso, como o jeito de andar, não estejam em questão.

Agora, em uma coisa todos concordavam; de bobo ele não tinha nada, pois foi exatamente ele quem ordenou que fossem feitas as modificações nas estruturas que afetaram a todos, exceto seus mais próximos; se bem que, de uma maneira geral, todos foram prejudicados. Os que moravam longe porque passaram a demorar mais para chegar à cidade. O pessoal que morava no centro passou a ter que dar uma volta enorme para poder chegar ao outro lado da rua, pois com a construção da cerca, a pessoas podiam ver do outro lado, mas não podiam atravessa-la. Dessa forma para se visitar o vizinho da frente era necessário andar oito quarteirões até o centro para fazer a volta e regressar ao ponto de origem.

Ele também proibiu que fossem trocados objetos através da cerca. Ela deveria ser tratada como se, de fato, fosse um muro. No início, as pessoas mais altas, principalmente os adultos, ainda enxergavam por cima da cerca, mas com o passar do tempo ele foi aumentando a altura de modo que ela chegou a ter quase

três metros. Era alta o suficiente para não se enxergar nem os pontos mais altos da cidade, como a torre da igreja matriz. Dava só para ouvir o som da sequência de três badaladas dos sinos, na hora do Ângelus às seis da manhã, ao meio-dia e às seis da tarde. Isso, pelo menos não mudou, ainda que muita gente reclamasse da bateção dos sinos às seis horas da manhã.

Diziam que ele tinha muita influência com o governador e que, por essa razão, quando apresentou sua proposta de montar uma fábrica na cidade que iria beneficiar todos os moradores, um dos pontos mais exaltados foi o da disciplina que ele iria impor aos funcionários. Como aquela seria a única fábrica na cidade e, portanto, contratadora de quase toda a mão de obra disponível, não houvera objeções. Todos os caminhos agora levavam para a fábrica, sem distrações no itinerário. Todo o comércio, que antes era feito pelos moradores locais, agora era fornecido, com exclusividade, pela cooperativa pertencente à fábrica sendo sortido com as marcas que eles escolhiam. As pessoas usavam o uniforme da fábrica e, mesmo aos fins de semana, deveriam usar uma roupa padrão, também fornecida por eles. As crianças também andavam de uniforme e faziam treinamentos para, no futuro, se candidatar a uma vaga na fábrica, assim como seus pais. A escola local se mudou para um anexo da fábrica e lá a disciplina também era rigidamente controlada. Da mesma forma os professores,

todos eles trazidos de fora, também só ensinavam o que fosse politicamente correto e, qualquer alteração no programa teria que passar pelo seu crivo.

Quando ele visitava a escola o silêncio era tanto que só se ouvia o barulho do seu passo irregular: toc; toc-toc; toc; toc-toc; e todos sentiam aquele frio na barriga pois as visitas dele, geralmente, vinham acompanhadas de mais restrições tipo não fazer barulho ao jogar bola, não nadar na lagoa, não empinar pipa, nem pensar em atravessar a cerca para economizar uma caminhada e por aí vai.

No começo, em casa à noite, as pessoas comentavam sobre como a vida, além de não ter melhorado em nada, tinha ficado difícil após a vinda da fábrica, mas sempre haviam os que diziam que tinham ouvido falar que, segundo os gestores, essa tinha sido a melhor escolha que eles haviam feito para satisfazer a população e que antes não havia ordem e as pessoas faziam que queriam e que, dessa forma, não poderia continuar. Os administradores eram como que ungidos e deveriam ser considerados como heróis pois eles que lutaram para que esses benefícios tivessem sido conquistados e, que se dependesse da luta deles, em breve todo o país seria dessa forma, com caminhos acertados para todos. E, se alguém questionasse se havia sido feita alguma pesquisa entre as pessoas para saber se era isso mesmo que elas queriam, a resposta era que não, porque as pessoas não sabem o que

querem e que o melhor era que os ungidos decidissem por elas. E assim seria, uma vez que o homem iria se candidatar a presidente e contava com os votos agradecidos de todos.

E assim foi, a vida seguiu monótona e sem perspectiva de melhora até que, num belo dia, vieram os homens, fecharam a fábrica e derrubaram a cerca. Os gestores sumiram e sobre ele, diziam que havia fugido do país e ido para não se sabe onde. Falavam também, à boca pequena, que talvez pudesse até ter sido preso.

Atualmente, quase tudo voltou ao normal, exceto pelas crianças que, até hoje têm medo quando ouvem, de noite, na rua, um caminhar irregular fazendo no asfalto um barulho: toc; toc-toc; toc; toc-toc.

## **NATUREZA**

O hotel ficava em Campos do Jordão. Era um desses hotéis cinco estrelas nos quais a gente só se hospeda se alguém te pagar as despesas pois, verdadeiramente, era inacessível para bolsos pobres.

O evento começou na quinta-feira, ou melhor, as pessoas chegaram na quinta-feira e o evento propriamente dito começaria na sexta. A quinta seria mais para um jantar de confraternização, uns conhaques e

um jogo de bilhar na espetacular mesa disponível para os hóspedes.

Fora o pessoal da organização, nosso grupo de três pessoas, foi o primeiro a chegar. Era fim de tarde e estava fazendo um frio daqueles que só Campos do Jordão sabe ofertar para seus visitantes, algo como dois graus. Ao todo seriam treze participantes, incluindo o consultor responsável por conduzir o evento.

Essa pessoa fora contratada pela empresa na matriz, fora do Brasil e o consultor estava fazendo o mesmo trabalho de treinamento ao redor do mundo, em todos os lugares onde a companhia possuía escritórios. Nesse caso ele estava atendendo o pessoal da América do Sul, do qual fazíamos parte.

Deveria ser um evento corriqueiro de treinamento onde não ocorreria nada de muito diferente, exceto por um pequeno detalhe. Alguns meses antes, fora feito um trabalho com todos os integrantes do grupo, cada um em seu país, de levantamento das características da personalidade de cada um. Era um relatório muito profundo e bem elaborado, que seria divulgado por esse consultor e, segundo ele, os exercícios de treinamento seriam atribuídos às pessoas, conforme o resultado demonstrado na avaliação e, dessa forma, observar ao vivo como cada um oferecia o melhor de si, dentro de suas características mais marcantes.

Durante toda a sexta-feira e a manhã de sábado, foram discutidas, primeiro individualmente e depois em grupo, as características pessoais demonstradas na avaliação. Ao final dos trabalhos de avaliação, uma constatação se mostrou incrível, inclusive para o consultor que conhecia muita gente que trabalhava na empresa e para as quais ele já fizera esse mesmo treinamento. Das doze pessoas analisadas, onze eram quase que absolutamente iguais; exceto uma que era diferente, e era diferente fundamentalmente em uma coisa. A resiliência. Todos eram impetuosos e altamente realizadores; porém, por serem muito dominadores, não se detinham muito em planejamento de longo prazo e não se preocupavam muito com o que aconteceria com as pessoas ao seu redor. O que interessava era que os objetivos fossem atingidos custasse o que custasse. Já a exceção não; no caso dele o processo era diferente. As conquistas vinham em decorrência de ações bem planejadas, e com suas atividades consultadas entre os envolvidos. Por isso geralmente funcionava muito bem e os resultados eram sempre superados, fato que, ao invés de gerar elogios, acabava por gerar inveja pura e simples; e o pior é que as pessoas, por sua própria natureza não tinham como enfrentar essa situação. É claro que todos eram muito bons no que faziam, mas, por muitas vezes, seu estilo era contestado, ainda que não abertamente. As coisas pelas quais pessoa desse tipo passam podem



ser consideradas verdadeiro bullying e mais ainda quando um consultor internacional ressalta para os seus pares que pessoas assim devem ser valorizadas pois, são muito raras e difíceis de encontrar no mercado de trabalho.

Como ponto alto do encontro, no sábado à noite foi feita uma prova na qual os participantes teriam que fazer, em um espaço de tempo cronometrado, uma construção na qual, cada um dos participantes tinha que colocar uma peça em um quebra cabeça. O primeiro desafio era saber que formato teria a peça depois de montada, pois o desenho não era fornecido. O segundo desafio era montar o elemento em menos tempo.

Os grupos, três, foram divididos conforme a localidade de trabalho, ou seja, ficou uma disputa regional só que, trabalhos desse tipo nunca foram o forte da exceção e, os engenheiros levaram certa vantagem inicial. A dificuldade dele foi tão grande, motivada inclusive pelo fato de que sua peça tinha dois elementos, o que dobrava a dificuldade no processo. O grupo, prevendo que ele não se sairia bem, pediu para que fosse trocado por outra pessoa, mais habilidosa, indo totalmente ao oposto do que o encontro previa que era unir as pessoas.

A coisa foi encarada como se fosse pessoal e ele insistiu em ficar no grupo, garantindo que, no dia seguinte, data da disputa final, diminuiria seu tempo de

colocação das peças e otimizaria seu desempenho. Embora isso tenha gerado um clima muito ruim entre os participantes, ficou decidido que assim seria, embora o grupo tivesse ficado com o pior tempo de montagem entre os times.

Dessa forma, após o jantar, ele não ficou confraternizando. Subiu para o quarto, mas, não sem antes passar na sala de reuniões e pegar as peças que teria que montar e passou a noite toda treinando a montagem. Não dormiu.

No domingo, logo após o café da manhã, foram todos para a sala de exercícios e, após algumas aplicações, chegou o momento da tão esperada disputa. Na hora do seu time fazer a montagem, graças à habilidade da exceção, o tempo de montagem foi infinitamente pequeno. Tão pequeno que, além de ganhar a disputa, o consultor falou que ele acabava ficando com um problema, embora fosse um bom problema pois, como ele fazia o treinamento ao redor do mundo, havia como que uma média de tempo dos times para fazer a montagem e esse time tinha resolvido o problema em um sexto do tempo mínimo já alcançado, marca que ele considerava praticamente impossível de ser alcançada novamente e que, por isso, poderia tornar para os próximos participantes, o objetivo do tempo de execução menos interessante, visto ser quase inalcançável.

Após aquela ocasião, as pessoas passaram a olhar a exceção com outros olhos, porém seu tratamento com relação a elas não mudou. Não sabemos exatamente por que isso acontece. Deve ser questão de natureza.

## **CINCO POR CENTO**

Era uma vez um certo senador de um país localizado ao sul do mar do Caribe que foi fazer uma visita oficial a um país que ficava em uma ilha no sul do oceano Pacífico, cuja sede do governo ficava em uma das cidades mais populosas do mundo.

Durante a visita o senador, e sua comitiva de mais de 400 pessoas, conheceram as maravilhas desse lugar altamente desenvolvido e as mais novas tecnologias que poderiam ser adotadas no país para benefício da população, principalmente dos mais pobres.

As maravilhas iam se descortinando para o senador, mas ele sentiu que faltava algo ainda mais profundo e para tentar encontrar uma solução para seus questionamentos, após doze dias de visita oficial, conseguiu marcar um jantar com um influente senador, presidente do senado do país amigo. O mesmo ocorreria em uma maravilhosa casa, que ficava no alto de uma colina, com vista privilegiada para a cidade.

Durante o jantar foram discutidas amenidades, mas, foi impossível não elogiar a casa do presidente

do senado, pois de fato ela era algo que beirava o suntuoso, pois além de ser ricamente decorada, era gigantesca, ficando em uma cidade, cujo metro quadrado de área construída é um dos mais caros do mundo. Ressaltava também o fato de que o senador era oriundo de família pobre, embora, já estivesse no seu segundo mandato como presidente do senado.

Após o lauto jantar, regado a champanhe e saquê, os dois foram para uma sala reservada, com vista para a baía. O teor alcoólico tornou a conversa mais pessoal e o próprio asiático confessou:

— Nossa! Nós nos demos tão bem e temos tanta coisa em comum que parece que já nos conhecemos faz muitos anos. Não te parece?

— Sim. O senador respondeu dando risadas.

— Parece que nós nos conhecemos desde crianças. Completou.

Aproveitando o momento de descontração, o latino perguntou para o asiático.

— Senador, desculpe a curiosidade, mas não pude deixar de notar que esta sua casa mais parece um palácio, ainda mais neste lugar e com esta vista. Deve ter custado uma fortuna, não?

— Sim. Respondeu o asiático. E continuou:

— Levou bastante tempo para construí-la e, realmente, custou um bom dinheiro.

— Desculpe, mais uma vez, presidente, mas como o senhor conseguiu? Perguntou o senador, tornando o clima ainda mais intimista.

O presidente do senado, certificando-se que não havia mais ninguém nas proximidades, falou:

— Venha aqui até a varanda que quero te mostrar uma coisa.

Os dois se dirigiram à imensa varanda e, lá, o asiático apontou com o dedo para uma imensa ponte que atravessava o mar, ligando duas cidades vizinhas.

— Você está vendo aquela ponte? Perguntou.

— Sim, ela é gigantesca. Parece uma que existe no meu país.

— Pois bem. Disse o presidente, batendo levemente com a mão no bolso direito da calça.

— Cinco por cento!

O ocidental fez uma cara de incredulidade tão grande que o outro até se assustou.

— Ah, então foi assim?

— Pois é. Essas coisas facilitam muito nossa vida por aqui. Respondeu o dono da casa.

Como já estava no adiantado da hora, chegou o momento dos dois se despedirem, não sem antes trocarem votos de grande amizade.

Três anos, e muita correspondência trocada depois, o ocidental, agora já eleito e reeleito presidente do senado, recebeu a visita do colega, que também havia sido reeleito, que ele visitara algum tempo antes.

Da mesma forma, para retribuir a gentileza recebida, ele convidou seu par para um jantar na sua residência.

Logo que chegou, o oriental, fez um comentário parecido ao que ouvira no encontro anterior.

— Você falou da minha humilde casa, mas quem mora em um palácio é você. Sua casa é maravilhosa, ainda mais com essa fantástica vista para o lago, com praia particular.

— Pois é. Vivendo e aprendendo. Filosofou o dono da casa.

— Após aquela visita à sua casa, fiquei pensando em como poderia fazer o mesmo para obter um resultado semelhante ao que você obteve, mas você sabe, como já dizia Da Vinci; “fraco é o discípulo que não excede ao mestre”, não é mesmo?

— Certíssimo, respondeu prontamente o oriental.

— Mas como você fez, pois eu havia entendido que seus rendimentos não alcançavam para uma empreitada assim?

— Pois é. Respondeu.

— Venha até a varanda que quero te mostrar uma coisa.

— Você vê aquela gigantesca ponte atravessando o lago de uma ponta a outra? Perguntou.

— Não estou vendo ponte nenhuma. Respondeu o visitante.

Nessa hora o ocidental, batendo levemente com a mão direita no bolso, falou:

—Pois é. Cem por cento!

## LEI DO TANAKA

Juvercílio Shirazumi Tanaka era um brasileiro, de origem japonesa cuja família imigrou para o Brasil no começo do século vinte e já estava na terceira geração, chamada de sansei. Ele era casado, fazia oito anos, com uma também sansei, chamada Sandra. Eles não tinham filhos e eram muito felizes no casamento.

Pelo fato de que seus avós não falavam português e, por consequência, seus pais também não falavam fluentemente nosso idioma, o sotaque do casal não traía de forma alguma a sua origem. Fora esse detalhe, eles já estavam totalmente incorporados aos hábitos e costumes da nova cidade onde moravam, que era muito pequena, mas com grandes possibilidades de desenvolvimento, tanto industrial quanto comercial. Esse atrativo foi o que os convenceu a deixar a cidade maior onde moravam seus ancestrais e começar vida nova.

Tanaka era uma pessoa comum, sem grandes atributos que o diferenciasssem dos demais moradores da cidade. Da mesma forma, Sandra, sua mulher, levava uma vida doméstica rotineira, sem nada espetacular acontecendo nela.

Sandra tinha contratado uma empregada doméstica que morava com eles. Na verdade, era como se fosse uma agregada. Coisa muito comum nas pequenas cidades do interior, onde os empregados moram na casa, tem alimentação, higiene garantida e uma pequena remuneração mensal, em troca do trabalho de afazeres domésticos como limpar a casa, lavar e passar roupa.

Ela era natural de Buriti dos Montes, no Piauí, cidade com cerca de oito mil habitantes, em cujo município não existe um só japonês, seja estrangeiro ou brasileiro de origem. Por isso ela estranhou muito, quando começou a trabalhar com o casal Tanaka, principalmente a alimentação que eles faziam, que não levava inhame, ou cará, no cardápio, coisa impensável em Buriti dos Montes, mas, de resto adaptou-se rapidamente, inclusive a tirar os sapatos quando entrava na casa e a comer em mesinhas baixas, pouco acima do nível do chão. A interação com o casal foi crescendo e as diferenças culturais diminuindo, sendo trocadas pelas coincidências mais triviais desse tipo de relacionamento, muito próximo.

A vida seguia sua rotina, até que um dia, cerca de dois anos após a chegada da empregada, aconteceu um fato que iria mudar os destinos deles e de muita gente que acabou se baseando nesse exemplo para resolver seus problemas, principalmente os comerciais, quando um funcionário tenta passar para seu chefe



uma responsabilidade que, de ofício, deveria ser sua. A internacionalmente conhecida “*Lei do Tanaka*”.

Essa poderosa lei teve sua origem num certo dia em que, Tanaka, chegando em casa após um dos mais horríveis dias de sua vida, com seu saco literalmente na Lua, ouve da sua mulher Sandra, com seu forte acento nipo-brasileiro dizer:

— Mulher Tanaka tem novidade!

— Empregada mulher Tanaka diz vai embora. Volta Buriti dos Montes!

— “*Isso é problema seu*”. Disse Tanaka, visivelmente contrariado com mais um problema que lhe apresentavam naquele dia.

— É, mas empregada mulher Tanaka, diz vai embora porque está grávida!

— “*Isso é problema dela*”. Respondeu ele, mais irritado ainda.

— É, mas empregada mulher Tanaka diz filho seu!

— “*Isso é problema meu*”. Disse ele colocando um ponto final na conversa.

Dessa forma, através do milenar conhecimento da filosofia de vida japonesa, com suas sábias palavras, o jovem sansei nos ensinou uma grande lição, perpetuada para sempre através da conhecida “Lei do Tanaka”.

“*Cada um que cuide do seu problema! Não me encha o saco*”.

## VISITA TÉCNICA

Quando avistou a obra lhe ocorreu que, de todos os lugares aonde ele lembrava já haver sido mandado, talvez esse fosse o mais estranho pois era, literalmente, no fim do mundo, embora desse a nítida impressão de que o mundo já havia acabado cerca de duzentos quilômetros antes. Parecia um desses lugares onde são construídos edifícios públicos, através de parcerias público privadas, cujo uso definitivo só é determinado após a obra estar pronta e, já haverem sido gastas verdadeiras fortunas na sua manutenção que por certo, deveria ser feita por empresas contratadas sem licitação.

Lamartine Arioswaldo Ranja, ou simplesmente Arioswaldinho, como era mais conhecido, era casado com dona Zuleima, funcionária pública do governo estadual, que por sua vez era prima de uma amiga muito íntima do atual governador. Ele também era funcionário público do governo estadual. Um insignificante profissional administrativo e absolutamente sem nenhum conhecimento especializado, logo sua presença em um lugar como esse seria totalmente desnecessária, para não dizer completamente inútil, mas, ordens são ordens e, uma vez proferidas, devem ser cumpridas, ainda mais quando vem direto do governador.

Para a viagem, a previsão era que o trajeto fosse feito de trem até uma cidade próxima e depois alugar um carro, mas com o problema dos condutores que estavam em greve, seria impossível cumprir o prazo determinado. Assim restaram duas opções: ou ele pedia emprestado o jatinho de um conhecido empreiteiro, dono da construtora que estava a cargo da obra ou já alugava um carro na cidade de origem. Como o avião já estava emprestado para um senador, não restou opção, pois voos regulares para aquele lugar não eram fornecidos visto que não havia aeroporto, só um pequeno campo de pouso que a população, à boca pequena, comentava que somente era usado por traficantes de drogas e armas ou pelo governador do estado, quando ele ia visitar seu tio para pedir conselhos. Tio que, aliás, havia saído fazia pouco tempo da prisão e se mudara para esse lugar a fim de evitar a imprensa, que ele sempre chamava de “*marrom*”.

A missão de Arioswaldinho era simples. Validar um laudo técnico emitido por uma empresa alemã que atestava que todos os estudos de impacto ambiental para a construção haviam sido feitos e que, a gigantesca obra, que já estava em adiantado estado de construção, tinha todo o seu projeto e execução nos conformes com o edital de licitação.

No escritório da obra lhe foi apresentado o documento oficial mas, como o laudo estava escrito em alemão e ele não sabia ler essa língua, pediu para um técnico que lhe explicasse o que estava escrito lá e ao mesmo tempo desse a sua opinião sobre o que ele estava lendo.

O “tradutor”, com seu forte sotaque da região pacientemente explicou para Arioswaldo que, uma vez que ele já houvera previsto esse problema do idioma, tomou a liberdade de já, antecipadamente, preparar um documento, em nome de Arioswaldinho, declarando que os termos encontrados no relatório estavam absolutamente corretos onde ele citava vários pontos, já traduzidos, que confirmavam a avaliação técnica e visual efetuada na ocasião.

Arioswaldinho ficou impressionado com o profissionalismo do assessor e intimamente pensou:

“A gente não deve nunca julgar as pessoas pelas aparências; por exemplo, esse homem, que mais parece um mestre de obras, tomou essa iniciativa que irá facilitar muito o meu trabalho e, quem sabe, me possibilitará um tempo extra para fazer uma visitinha no shopping center que fica localizado no país vizinho, uma vez que estamos bem perto da fronteira, e comprar, com o cartão de crédito corporativo, a lista de coisas que a Zuleima pediu”.

Arioswaldinho não sabia como agradecer ao funcionário. Pegou o documento e começou a ler e, aparentemente, tudo estava em conformidade com o que havia sido estabelecido na licitação e todas as medidas ambientais haviam sido tomadas. O trabalho da consultoria alemã havia sido, no mínimo, brilhante. Assim, entre sorrisos e sinceros agradecimentos, só restou a Arioswaldinho pedir uma caneta emprestada para o funcionário e, em várias páginas apor a sua rubrica, sendo que na última página, em três vias, colocar sua famosa assinatura:

L. A. Ranja.

## **MUNDO PEQUENO**

A pessoa que não está diretamente envolvida, tem a impressão de que é uma coisa simples mas, após uma avaliação mais acurada, percebe que, verdadeiramente, não é. Fazer a análise de situações envolvendo questões rotineiras acaba sempre revelando novas facetas do problema que geralmente, por serem interligadas, acabam acrescentando coisas novas no processo, sugerindo que se dê uma nova avaliada nos fatos.

É mais ou menos como disse certa vez um famoso juiz sobre um caso que ele estava julgando.

“Para cada pena que se puxa, vem junto uma galinha”.

E foi isso mesmo que aconteceu com o Sinvaldo, jovem muito querido por todos que o conheciam e que, apesar da pouca idade, ambicionava começar a trabalhar como auxiliar de escritório.

Como já fazia algum tempo que ele estava procurando trabalho, logo que ficou sabendo, atendeu prontamente à um anúncio de emprego em uma empresa que, na época fabricava matrizes para impressão em metal. Eram como se fossem carimbos, feitos com um material muito duro que serviam para estampar marcas e códigos em peças de metal, muito utilizadas na indústria automobilística.

Na entrevista com o gerente, profissional experiente, maduro, com aquela aparência respeitável de durão, houve uma certa empatia e ele se saiu muito bem, tanto que foi contratado para o emprego. Após ouvir que seria admitido, sua alegria foi tão grande que, se ele fosse católico, teria mandado rezar uma missa de ação de graças.

Começou a trabalhar na semana seguinte pois naquela semana a empresa estava em fechamento de mês e não podia fazer contratações. Nos primeiros dias, tudo foi tranquilo e temeroso, pois era um

mundo completamente desconhecido para Sinvaldo, mas ele era esperto e logo se inteirou sobre o que e como deveria fazer durante seu trabalho.

Como não poderia deixar de ser, sendo jovem e cheio de vitalidade, seria impossível não reparar em uma linda moça, um pouco mais velha que ele, que trabalhava de secretária do gerente e cuja mesa de trabalho ficava ao lado da sua.

Com o passar dos dias, essa proximidade acabou se tornando maior porque era ela, a mando do gerente, quem distribuía as tarefas que os auxiliares deveriam executar durante o dia. Como Sinvaldo fazia serviços externos na maior parte do tempo ele via pouco seus colegas de trabalho, mas chegou a fazer amizade com um outro auxiliar da sua idade que, num certo dia, estando os dois no banheiro, lhe falou uma coisa que ele nem imaginava. Ele disse:

—Escuta Sinvaldo, você já reparou naquela moça que trabalha do teu lado?

—Claro, respondeu Sinvaldo. Nós somos amigos.

— Então. Cuidado com essa amizade porque ela é “cacho” do gerente e ele não gosta de concorrência, se é que você me entendeu?

— Cara. Ele respondeu.

— Não tem nada a ver. A gente mal se conversa. Só quando ela me passa o trabalho.

— Pois é, mas outro dia ela falou para mim que você é um cara muito legal. Cuidado!

A partir daquele dia Sinvaldo passou a reparar mais nos movimentos da moça, mas não se preocupou, nem alterou seu comportamento em relação a ela, que não passava de um formal; bom dia; boa tarde; até amanhã. Tudo seguiu normal até que no domingo, ele foi almoçar na casa do seu irmão que ficava próxima da casa onde ele vivia com seus pais. Após o almoço, foi até o jardim para olhar o movimento quando, inesperadamente, viu na casa vizinha do outro lado da rua, o gerente da empresa chegando com a mulher e uma filha adolescente. Ao perceber que o gerente estava olhando para ele, Sinvaldo não teve outra alternativa senão cumprimentá-lo, acenando com a mão. O gerente atravessou a rua e perguntou para Sinvaldo o que ele fazia ali. Quando o rapaz falou que ali morava seu irmão e que ele mesmo morava a dois quarteirões de distância, a expressão do rosto do gerente mudou e tomou um ar fechado.

— Puxa, que interessante. Conheço bem seu irmão, somos amigos.

— Que coisa né. O mundo realmente é muito pequeno. Sinvaldo retrucou e prosseguiu.

— Não fazia ideia que o senhor morasse por aqui.



— Pois é, mundo pequeno. Disse ele se despedindo.

Na semana seguinte, completaria um mês que Sinvaldo trabalhava na empresa, e ele estava muito ansioso para receber seu primeiro salário, porém no dia trinta, ele teve uma surpresa, pois logo ao chegar ao escritório, recebeu um recado que deveria passar no departamento de pessoal. Indo lá foi notificado de que não havia passado no período de experiência e, por essa razão, estava sendo demitido da empresa.

Pela sua falta de conhecimento nessas questões e, sem entender direito o que estava acontecendo, Sinvaldo foi até a sua mesa, pegou suas coisas e não pode nem se despedir das pessoas. Por culpa do destino e de mais ninguém, terminava cedo o primeiro contrato de trabalho da vida profissional de Sinvaldo.

Pensando bem, independentemente do lado em que você esteja, o juiz sempre estará certo. É melhor não puxar uma pena e correr o risco de que, junto, venha uma galinha.

## **A PROFECIA**

A mãe chamava Dora e a filha, Dorinha. Eram tão ligadas que ninguém sabia quando a ideia original

era de uma ou de outra. Sim, pois é muito comum entre amigos e familiares, quando alguém vê alguma novidade dizer:

— Isso é coisa de Fulana.

Ou.

— Isso tem a cara de Beltrana.

Ou.

— Isso só pode ser coisa da Cicrana.

No caso delas não. Elas pensavam e agiam de forma idêntica.

Outra característica marcante eram seus diálogos. Elas se comunicavam como que por música, como falavam os mais antigos.

— Mãe, não tô achando. Onde você guardou?

— Pus junto com as outras.

— Onde, em cima?

— É. Em cima da maior.

— Aquela verde?

— Não da azul, que é menorzinha.

— Da menorzinha pequena ou da maior?

— Da maior.

— Ah. Achei! Valeu mãe.

Muitas vezes, mãe e filha tem seus desentendimentos. No caso delas não. Elas eram como se fossem almas gêmeas. Tão parecidas que certa vez, visitaram uma cigana, tipo vidente, para tentar obter informações do além sobre a razão de elas se comportarem assim de maneira tão igual. A vidente não falou nada

de anormal, porém advertiu que, no futuro, um dia poderiam ter um certo problema por causa disso. Fato que nem foi considerado pois as duas acharam isso impossível acontecer. E de fato, parecia que isso nunca aconteceria.

Dora era solteira e havia criado Dorinha sozinha, sem ajuda de ninguém; nem da família, que morava em Caroebe – Roraima, cidade com 9.000 habitantes e cujo pai, ao saber da sua gravidez, mandou-a embora para Rorainópolis, viver com uma prima dele, que também havia dado mal passo; nem do pai da criança que era um rapaz também de Roraima, porém de São João da Baliza, que fugiu para outro estado quando soube que ela estava esperando um filho dele.

Dorinha já tinha cinco anos quando elas mudaram para uma cidade grande, a fim de tentar vida nova, não sem agradecer muito a prima de seu pai que a acolheu naqueles tempos difíceis.

Além da alma igual, elas tinham outra característica em comum. A aparência. Não sabemos se os anos passaram muito rápido para Dorinha ou não passaram para Dora, mas a verdade é que pareciam muito mais irmãs gêmeas que mãe e filha. Elas se divertiam muito com isso, tanto que nas suas páginas no Facebook, uma escrevia na página da outra e as amigas confundiam quem era quem. Aliás, esse tem sido o motivo de muitos jovens abandonarem o “Face” porque eles não querem compartilhar mídias sociais com

seus pais e avós, como hoje acontece com frequência. Para elas, porém, isso era a mais pura diversão.

Elas também compartilhavam outras mídias sociais e, por serem jovens, uma delas era o Tinder, onde ambas buscavam um match. A tradução literal da palavra em inglês match significa partida, jogo. Porém, no mundo virtual ela tem outro significado. Desde que o aplicativo Tinder nasceu, essa palavra é uma nova forma de demonstrar para uma pessoa que você se interessa por ela e ela por você. Assim sendo, um match acontece quando duas pessoas são compatíveis, segundo o Tinder.

Lá os contatos eram mais reservados e, normalmente, uma não comentava com a outra sobre os resultados, a não ser fatos muito engraçados que ocorriam quando elas visitavam fotos publicadas e faziam críticas às mesmas.

A rotina seguia normal até que um dia, por coincidência, elas conheceram, separadamente, um rapaz que deu match. O rapaz chamava Celso e também havia nascido em Roraima, só que em Pacaraima. Ele havia saído de lá por causa da intensa imigração de venezuelanos que tornaram escasso o emprego no lugar. Ele vivia na cidade fazia oito meses e, na cabeça dele o match havia ocorrido, há cinco meses, com uma mulher chamada Dora. No último contato, o rapaz foi convidado para ir até a casa dela.

No sábado, às oito horas, ele tocou a campainha no endereço fornecido. Após um minuto, Dorinha abriu a porta e, reconhecendo o rapaz que ela só conhecia por fotografia, tomou um susto ao ver Celso. Sem entender nada ela perguntou:

— Como você descobriu meu endereço?

— Como descobriu? Foi você quem me deu o endereço e marcou hoje, aqui, nesse horário.

— Não fui eu. Ela disse.

— Como não. Claro que foi você, a gente já se fala faz muito tempo.

— Eu sei. Já tive vontade de te convidar várias vezes, mas não fui eu. Disse Dorinha, já quase aos prantos, por imaginar o que havia ocorrido.

— Quem foi então?

Nessa hora, ouvindo a conversa na porta, Dora desceu a escada e foi encontrar os dois, já começando a chorar também. Quando Dora apareceu, Celso tomou um susto e falou para Dorinha:

— Por que você não disse que tinha uma irmã gêmea?

— Ela não é minha irmã. É minha mãe.

— Papagaio! Disse Celso.

— Quer dizer que eu venho falando com mãe e filha ao mesmo tempo faz cinco meses?

— É, parece que sim. Falou Dora.

— Fui eu quem te convidou para vir aqui hoje. Eu só não sabia que você conversava com Dorinha também.

— Você não quer entrar?

E foi assim que Celso entrou para a vida das duas e está, feliz, com elas até hoje. Afinal, se elas compartilham tudo, porque não iriam compartilhar também o amor.

No fim das contas, a cigana tinha razão na sua profecia, aconteceu algo por causa da semelhança das duas, embora não tenha sido exatamente um problema e sim uma solução para a solidão e para as sofridas vidas de Dora e Dorinha.

## **FELIZ NATAL**

Aquela relação tinha sido conspirada pelo universo para ser eterna enquanto durasse, mas tudo nela supunha uma curta duração, não porque as almas não fossem gêmeas, nem por causa da diferença de idade que era grande para um relacionamento afetivo em todos os sentidos, mas sim porque algo estava para acontecer e, em uma velocidade que seria difícil deter.

Começou como um conto de fadas às avessas, quando ele, mal saído da adolescência, começou a visita-la para ter aulas de piano.

Ela tinha aquela paciência professoral de, quando sentava a seu lado, marcar o tempo, enquanto o ensinava a dedilhar as teclas no piano, levando em conta que ele não estava partindo do zero pois, como seus pais eram músicos, os instrumentos faziam parte da sua vida desde o nascimento. Isso que poderia ser uma virtude de fato era um problema para ele pois o jovem sempre sentira, em relação aos seus pais que, mesmo sendo filho único, ele ocupava o segundo lugar no interesse dos dois. Sem dúvida, para eles, o primeiro era a música. Fato, aliás, nunca negado.

Dessa forma, embora enquanto criança ele tivesse acompanhado os pais em várias turnês pelo mundo, o jovem nunca se sentira parte da trupe e sim como se fosse um instrumento frágil que devesse ser bem tratado, porém não insubstituível. Já maior, ele parou de viajar para não prejudicar os estudos, assim ficava meses sem ver os pais, e o tempo foi passando.

A vontade de tocar piano se manifestou de forma inesperada, durante uma caminhada, quando ele, não sabendo que ela era pianista, viu aquela senhora cuidando das flores do jardim da casa dela com um carinho indescritível. Sem pensar no efeito que poderiam ter suas palavras, falou em voz alta:

— Eu gostaria de ser tratado assim. Gostaria de ser abraçado com esse carinho, como se eu fosse um buquê de flores.

Ela, que não sabia que estava sendo observada, num primeiro momento ficou assustada, porém, quando viu aquele jovem rapaz na calçada, logo entendeu que a última coisa que ele poderia trazer seria perigo. Assim, mais tranquila ela perguntou:

— Desculpe, eu não ouvi bem o que você falou. Você poderia repetir?

— Eu é que peço desculpas por assustá-la, não era essa minha intenção. É que, simplesmente não resisti a esta cena de tanta ternura. Dizendo isso, ele repetiu as palavras que havia acabado de pronunciar.

Ela, agora sim visivelmente emocionada, comentou:

— Sabe, eu cantava para meu falecido marido uma canção antiga cuja letra tinha exatamente a frase que você acabou de falar. Depois que ele morreu eu nunca mais voltei a ouvir essa música.

—Desculpe, mas qual era a música? Ele perguntou.

Ela então deu uma leve e emocionada cantarelada:

— “Hold me in your hands like a bunch of flowers. Set me movin' to your sweetest song. And I know what I think I've known all along. Lovin' you's the right thing to do ”.<sup>1</sup>

— Puxa, eu não conhecia essa música. Linda melodia e linda letra.

---

<sup>1</sup> “Me segure em suas mãos como se eu fosse um buquê de flores. Me envolva com seu mais doce canto. E eu confirmarei aquilo que acho que eu sempre soube. Amar você é a coisa certa a fazer” tradução livre da música de Carly Simon (nota do autor)



— É. A música foi gravada antes de você nascer. Ela disse.

— Sabe uma outra coisa, foi por causa do solo de piano dessa música que me tornei pianista, e hoje vivo para dar aulas para alguns alunos que ainda me restam.

— Nossa, que incrível. Meus pais também são músicos, só que eu nunca os vejo tocar porque eles viajam muito.

— Entendo. A vida dos músicos é muito sacrificada, você deve perdooá-los pela ausência.

— Sim. Já os perdoei faz tempo, porém isso não diminui em nada a falta que eles me fazem.

— Ora, não fique assim. Quer saber uma coisa, vamos entrar que eu vou servir algo para a gente se refrescar e, enquanto isso, tocarei alguma coisa só para você. O que você acha?

— Seria fantástico. A senhora é muito gentil.

— Me chame de Marli. Qual é seu nome?

— Raul Afonso.

— Pois bem, Raul Afonso, vamos entrar.

E dessa forma as horas foram passando e os dois perceberam que tinham muita coisa em comum além da música. Tinham o mesmo gosto para cores, sabores, aromas, sons. Pareciam mesmo almas gêmeas em sua solidão.

Com a frequência às aulas de piano, eles acabaram desfrutando de uma intimidade muito grande,

maior do que deveria ser na relação entre uma professora madura e um mero aluno um pouco mais que adolescente. Com o passar do tempo, ela começou a relutar muito para aceitar esse sentimento que estava se consolidando pois, afinal, ela tinha idade para ser sua avó.

Ele, por sua vez, nunca havia conhecido uma mulher e não se sentia tão à vontade com nenhuma outra, exceto Marli. Era uma situação, vamos dizer, peculiar, que foi sendo levada em fogo brando durante quase um ano, até que num dia, véspera de natal, ele decidiu que iria passar a data com ela, ao invés de passar com os pais que haviam retornado de uma longa turnê.

Ao saber da sua intenção de não jantar em casa, sua mãe ficou furiosa dizendo que ela e o pai haviam voltado para a cidade só para passar o natal com ele. Se fosse o caso, que Raul Afonso trouxesse sua “namoradinha” para jantar com eles, então.

Ele sabia perfeitamente que seus pais nunca aceitariam essa paixão. Sabia também que Marli tinha a mesma opinião, mas que, embora ela achasse que essa situação estivesse errada, não encontrava forças para negar que também estava totalmente apaixonada por Raul Afonso e não sabia mais como se portar diante desse fato.

Por fim, embora estando em uma terrível encruzilhada, resolveu passar a noite de natal com Marli e

que se danassem os outros. Afinal, seus pais nunca haviam se interessado muito por ele e Marli era a única pessoa que o aceitava do jeito como ele era; e pronto!

Decidido, pegou o telefone e ligou para Marli para avisá-la que ele já estava indo para sua casa. Seria a primeira noite que eles passariam juntos. O telefone tocou várias vezes e não foi atendido, fato raro, pois ela sempre atendia rapidamente. Preocupado, partiu imediatamente para a casa dela, que morava não muito distante da casa dele.

Ao chegar, estranhou que as luzes estivessem todas apagadas porque, na noite anterior, Marli havia dito que prepararia uma gostosa ceia, que ela imaginava, seria para os dois. Como ele já sabia que a porta nunca ficava trancada, foi fácil entrar na sala, acender a luz e perceber que tudo estava no lugar, perfeitamente arrumado, como sempre, porém não havia ninguém na sala, nem na cozinha. Subiu as escadas e foi até o quarto, que ele nunca havia entrado; ela estava lá, deitada na cama, como se estivesse dormindo.

Foi até a cabeceira e chamou baixinho:

— Marli! Acorde! Ela não acordou.

— Marli! Marli! Ele falou mais alto. Da mesma forma ela continuou imóvel.

Ao encostar sua mão nela sentiu um frio inconfundível, até para quem nunca havia passado por essa situação. Ela estava morta. Começando a chorar, ele a

sacudiu desesperadamente implorando que ela acordasse, mas, nada.

Em estado de choque, por sua pouca experiência de vida, ficou sem saber o que fazer. Saiu do quarto, desceu as escadas, passou pela sala, apagou as luzes e, ao chegar na rua, lembrando que ela havia lhe dito que não tinha mais nenhum parente, ligou para a polícia e disse que uma senhora que morava em certo endereço não estava atendendo o telefone e pediu, por favor, que eles fossem lá dar uma olhada.

Desiludido, totalmente desnordeado sem entender como seria sua vida sem a companhia e o carinho de Marli, voltou para a casa dos seus pais. Eles estavam começando o jantar.

Ao vê-lo entrar, sua mãe, sorrindo, mas com certa ironia na voz, perguntou para Raul Afonso:

— E sua namoradinha, não virá jantar conosco?

— Não. Ela não virá, nem eu vou mais jantar com ela; respondeu com a cabeça baixa.

— Porém, ela desejou para vocês um Feliz Natal!

Do mesmo autor de:  
Contos Breves Sobre Nada  
Nada a Ver  
Perda de Tempo  
As Artimanhas do Tempo

**Passares da Vida apresenta situações observadas nas mais diversas circunstâncias e nos lugares mais improváveis. Foi feito para suscitar uma reflexão sobre se o leitor já esteve nesses lugares, viveu essas situações ou teve conhecimento desses fatos e fez algum comentário a respeito. Esses comentários o autor considera os passares dos dizedores. Para fazerem sentido esses passares devem ser entendidos como a parte humana de um realismo fantástico.**

Edição do Autor  
São Paulo – Brasil  
2019

